

## PENSAR O COTIDIANO – APRIGIO FONSECA E PAULO MIRANDA

Seria clichê iniciar um texto com a citação de Picasso comparando suas habilidades adolescentes ao desenho do mestre Rafael, como o ponto de partida de um aprendizado às avessas, e que o levaria, ao final de uma longa e singular trajetória, a desenhar como as crianças? Provavelmente sim, não fosse a instigante ideia de que pode haver algo em comum entre crianças e, por exemplo, artistas como Aprigio Fonseca e Paulo Miranda.

Crianças fazem de um cabo de vassoura um cavalinho de pau, espada ou microfone; nuvens são algodão doce; um buraco no reboco de um velho muro é um gatinho. Para crianças, a caixa que embala um brinquedo – além de motivar a decepção de adultos condicionados – não é uma caixa. Essa afirmação parece familiar: isso não é uma caixa, quer dizer, **isso não é um cachimbo**. Uma caixa é um carro de corridas, o topo de uma montanha, um prédio, a carenagem de um robô, um foguete... para as crianças do mundo inteiro uma caixa é, como interpretou a sensível Antoinette Portis<sup>1</sup>, “a minha NÃO-É-UMA-CAIXA”. Novamente o mundo infantil soa familiar ao universo da arte, trazendo à mente a definição de não-objeto concebida por Ferreira Gullar, em 1960.

Aprigio Fonseca e Paulo Miranda são assim, artistas com o olhar de crianças, realizando sínteses de experiências sensoriais e mentais a partir dos limiares impostos pelos condicionamentos cotidianos. Cronistas do banal a nos reaperceber aquilo que o hábito apagou de nossa percepção saturada.

Em “homenagem a Geraldo de Barros”, Aprigio Fonseca faz referência ao autor da série “Jogos de dados”, mas é o espírito de “A menina do sapato”, de 1949, quem parece nortear os desdobramentos mais imprevistos e surpreendentes desse grupo de trabalhos. De um simples acréscimo de papel posicionado sobre o padrão geométrico que advém da Grécia antiga, sugerindo a inclusão de tampas no piso de uma calçada, passando pelo solado do tênis All Star, por objetos de madeira que mantêm em tensão realidade e representação, até os cubos tridimensionais de post-it e paralelepípedo. Folhas e fitas curvas de papel retomam a ambiguidade que é levada ao limite na superfície de uma bola de futebol, “acrescida” de arestas pouco convidativas aos amantes do “esporte nacional”. Por fim, a rigidez do padrão clássico é desmaterializada em tecidos como panos de chão. A série ainda faz uma última reverência ao **designer Geraldo de Barros**, na forma de um protótipo de

---

<sup>1</sup> Não é uma caixa. São Paulo. Cosac Naify, 2012

cadeira que explora o mesmo padrão. O observador entra em evidência e a ilusão diante do objeto depende de seu próprio corpo e posição no espaço.

Já as pinturas de Paulo Miranda desvelam camadas entre as esferas pública e privada; vestígios acidentais, texturas, memórias humanas deixadas em espaços e objetos, sobretudo muros usados como suportes para sistemas de comunicação urbanos em plena decadência – cartazes lambe-lambe e *outdoors* –, cujo acúmulo de papel se desprendia com o tempo, por falta ou excesso de chuva, evidenciando informações cifradas e significados que não pertenciam a ninguém. Há também pinturas de diferentes cadeiras, às quais se sobrepõem/integram fragmentos de jornais, letras pintadas e pigmentos. Tal tema e procedimentos técnicos nos remetem à parceria de Pablo Picasso e Georges Braque, em particular entre os anos de 1912 e 1914. Além disso, diante dessas pinturas parece impossível não perceber a densidade humana presente num simples objeto de uso ordinário, assim como é impossível não recordar o doloroso retrato da ausência nas cadeiras pintadas por Van Gogh em 1888, para si mesmo e para seu amigo Paul Gauguin.

Se a declaração de Picasso é verdadeira, não podemos deixar de considerar o que evidencia a presente exposição: desenhar como criança exigiu de Picasso, antes de mais nada, olhar a realidade como uma criança, olhar o mundo além de seus hábitos e violentos condicionamentos culturais. Aprigio Fonseca e Paulo Miranda, cada um à sua maneira, compartilham esse olhar diverso para a existência, para as rotinas diárias e o banal, para objetos como o piso de ladrilho hidráulico e a cadeira apoiada sobre ele agora, abrindo possibilidades poéticas para qualquer observador pensar o cotidiano.

*Ricardo Coelho, maio de 2018*